

## O processo epifânico na construção do enredo da narrativa "Felicidade Clandestina", de Clarice Lispector

Kathleen Noemi Duarte Rego<sup>1</sup>, Mariana Camila Cesário de Queiroz<sup>1</sup>, Evandro Gonçalves Leite<sup>2</sup>

1. Estudante do Curso Técnico Integrado em Informática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN/ Campus Pau dos Ferros; [\\*kathleenrego.08@gmail.com](mailto:kathleenrego.08@gmail.com)

2. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN/ Campus Pau dos Ferros

Palavras-Chave: narrativa, felicidade clandestina, epifania.

### Introdução

Clarice Lispector, como grande escritora e contista, inovadora na linguagem, utilizava a subjetividade e a epifania nos seus questionamentos do mundo externo e interno para que o leitor tomasse consciência do mundo das suas personagens. Assim, suas protagonistas, em momentos banais do cotidiano, deparam-se, usualmente, com o imprevisto de um súbito instante de revelação, levando-as a um processo de autoconhecimento e a um momento de lucidez.

Dessa forma, Sant'Anna (1973, p. 190) afirma que esse momento epifânico das personagens de Clarice Lispector, tanto nos contos, quanto nos romances, passa por quatro etapas: 1) a personagem é disposta numa determinada situação cotidiana; 2) prepara-se um evento que é pressentido discretamente, isto é, a narrativa dá indícios de que algo está para acontecer e a personagem inicia o processo de "tensão conflitiva"; 3) Acontece o clímax da narrativa ou a epifania propriamente dita; 4) ocorre o desfecho, onde se considera a situação da vida da personagem, após o evento".

Decerto, essas características estão presentes no conto "Felicidade Clandestina", narrativa em que predomina o fluxo de consciência, consistindo em uma representação dos processos mentais das personagens. Estes desencadeiam o instante da manifestação reveladora. Assim sendo, objetiva-se com esse trabalho discorrer sobre a epifania no conto "Felicidade clandestina", de Clarice Lispector.

### Resultados e Discussão

O conto narra a história de uma personagem apaixonada por livros. Nessa narrativa, tudo se resume à história de uma menina má, cujo pai era dono de uma livraria e que se recusava a emprestar o livro "Reinações de Narizinho" para a narradora, mesmo estando o livro disponível. Após alguns dias de ansiedade e visitas diárias da menina na casa da garota perversa, a agonia da leitora acaba. A mãe da antagonista põe fim à desilusão, entregando o livro desejado à ansiosa leitora. A posse do volume nas mãos manifesta um indecifrável sentimento na menina e, a partir disso, foi impossível retroceder; sua vida foi transformada. Tudo isso lhe dá uma enorme felicidade e a consciência de que, para ela, "a felicidade sempre iria ser clandestina [...]" (LISPECTOR, 1998, p.12), clandestina porque o livro não pertencia a ela, e ter algo sem ser dono legítimo torna-se clandestino.

É possível relacionar as fases do momento epifânico estabelecidas por Sant'Anna (1973, p. 190) com o enredo do conto "Felicidade clandestina". A princípio, o primeiro passo ocorre quando a narradora começa a contar sua história e relatar o seu dia a dia, demonstrando o seu insaciável desejo pela leitura, chegando até a

humilhar-se, implorando à colega que lhe emprestasse o livro.

Posteriormente, a narrativa prepara-se para um evento e dá indícios que algo está para acontecer, quando a protagonista passa a ir à casa da garota má todos os dias com o objetivo de apanhar o livro emprestado, mas sempre é recebida com inúmeras desculpas sobre o paradeiro da obra.

Após alguns dias de agonia e visitas diárias, a narradora seria agora agraciada pelo tão almejado objeto. Ao recebê-lo em suas mãos, ela apertou-o contra o peito e caminhou lentamente, sem se importar com o tempo. Logo, ocorre o que está no terceiro tópico, o clímax da narrativa ou a epifania propriamente dita, que Sá (1979, p. 165) descreve como "um momento privilegiado, que não precisa ser excepcional ou chocante; basta que seja revelador, definitivo, determinante".

Comprova-se esta ideia no fragmento: "Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo" (LISPECTOR, 1998, p.12). O uso da personificação "meu coração pensativo" esclarece a revelação existente no conto, um momento que modifica totalmente a vida da personagem. Assim, a felicidade para a menina consistia em possuir o livro. Esse sentimento se mostrava tão intenso que a autora chegou a comparar esse desejo da protagonista pelos livros com a felicidade de uma mulher ao estar com o seu amante. Ambas as situações proporcionam o prazer por serem proibidas: uma felicidade clandestina. Agora ela "não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu 'amante'" (LISPECTOR, 1998, p.12).

Dessa maneira, cumpre-se o epílogo da narrativa, demonstrando como ficou a vida da protagonista após a epifania e como ela não foi mais a mesma depois do sucedido. Ademais, fica claro que os aspectos do seu dia a dia foram influenciados pela epifania. Assim, o trecho relaciona-se com a quarta etapa do processo epifânico na narrativa.

### Conclusões

Portanto, a epifania se mostra como instrumento principal no conto analisado, sendo um elemento fundamental para compreender-se a grandiosidade da poética nos contos de Clarice. Aparece como forma de transformar a realidade simples e monótona em algo maravilhoso, que desperta sentimentos fortes dentro do "eu" da personagem ao vivenciar o clímax da história, surpreendendo de forma intrínseca na essência e na alma, tanto dos literários e críticos, quanto dos seus leitores.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Análise estrutural de romances brasileiros**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

SÁ, Olga de. **A escritura de Clarice Lispector**. Petrópolis: Vozes, 1979.